

Barracos estão espalhados por toda a cidade

Jorge Vasconcellos

Homens, mulheres e crianças, procedentes dos quatro cantos do País, espalham seus barracos pelos matagais, gramados e cerrados de Brasília, e não pensam em voltar à terra natal, onde, segundo eles, a perspectiva de uma melhoria de vida consegue ser menor que a verificada na Capital.

A Fundação do Serviço Social (FSS) já forneceu várias passagens para outros estados, mas os beneficiados acabaram voltando ao DF, a exemplo de Sebastião Zeferino da Costa, de 29 anos, e sua mãe, Dominga Zeferino da Costa, de 61. Eles moravam em Niquelândia há três anos. Nesse período, Sebastião sofreu graves queimaduras durante a festa de Nossa Senhora da Abadia e foi submetido a uma série de enchertos pelo corpo.

Os dois vieram pela primeira vez a Brasília em 1989 e montaram um barraco junto à cerca da Ceasa, à beira da Estrutural, onde permaneceram até o último mês de agosto, quando seguiram para o município baiano de Juazeiro com passagens cedidas pela FSS. Sebastião e a mãe encontraram um quadro de miséria em Juazeiro pior que o de Niquelândia e Brasília. Caminharam tanto em busca de emprego e comida que os enchertos da perna direita de Sebastião caíram. Voltaram ao quintal da Ceasa, frustrados com o que viram na Bahia, e o rapaz está na expectativa de uma internação no Hospital de Base (HBDF).

Dominga, diante do drama do filho, encarrega-se dos afazeres do barraco. Ontem ela estava cozinhando um pouco de comida que foi cedida pelos funcionários da Ceasa, utilizando um latão velho e sujo. O dia-a-dia é tão pacato que o jeito encontrado é fumar um cigarro de palha atrás do outro.

Estratégia — Os migrantes buscam o terreno ao lado da Ceasa a partir de uma bem bolada estratégia para matar a fome. São mais de 30 barracos onde a maioria das pessoas não trabalha por não ver necessidade, uma vez que comida não falta. "Aqui é o melhor lugar do mundo. Não saio nem que me paguem", disse Antônio Felipe da Silva, casado, com 13 filhos, sendo que 12 encontram-se no Rio Grando do Norte e uma aqui. É a menina Maria Aparecida, de apenas dois anos, que está com o corpo todo marcado por mosquitos e pela longa exposição ao sol.

Antônio veio de Natal há 15 anos e desde então morou em vários cantos de Brasília; sempre em barracos. Ele conta que morar perto da Ceasa é tão bom que só não come quem for preguiçoso. Antônio é soldador e atualmente está desempregado. Seu passatempo preferido é tomar goles de cachaça em companhia de amigos como o mineiro Jairo Soares, de 30 anos, casado e com três filhos, dentre eles a pequena Vanessa, de três anos.

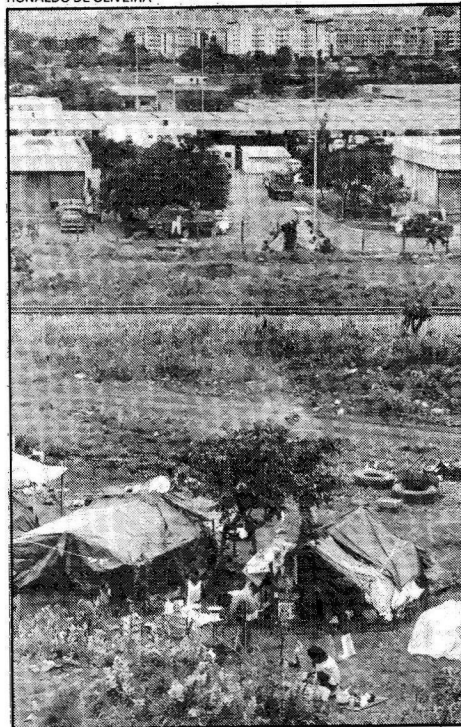
Jairo Soares saiu de Brasília há um ano para a cidade de Vitória, no Espírito Santo, com passagens cedidas pela FSS. Encontrou sérias dificuldades de emprego e de alimentação e resolveu voltar há um mês. Ele está desempregado e nem se mostra preocupado com isso,

VANDERLEI POZZEMBOM



Os migrantes vão chegando e se espalhando pela capital, nem o gramado ao lado da Igreja Dom Bosco escapou dos barracos

RONALDO DE OLIVEIRA

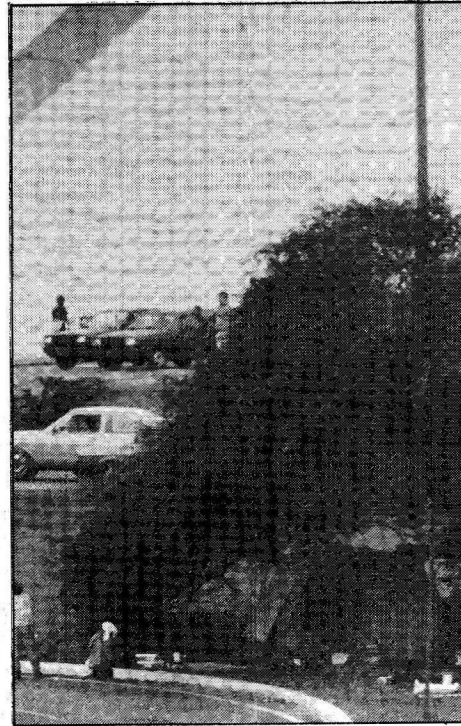


Não falta alimento na cerca da Ceasa

motivado pela fartura de comida oferecida pela Ceasa.

A alimentação sobra nos arredores da Ceasa, mas para quem montou barracos no terreno baldio ao lado do Ceub ela é escassa. Os moradores fazem "vaquinha" (juntam dinheiro) com o pouco que recebem mediante a lavagem de carros e o transporte e venda de latas e garrafas. Os carroceiros montaram cinco barracos, todos cobertos com pedaços de plástico e construídos com pedaços de pau.

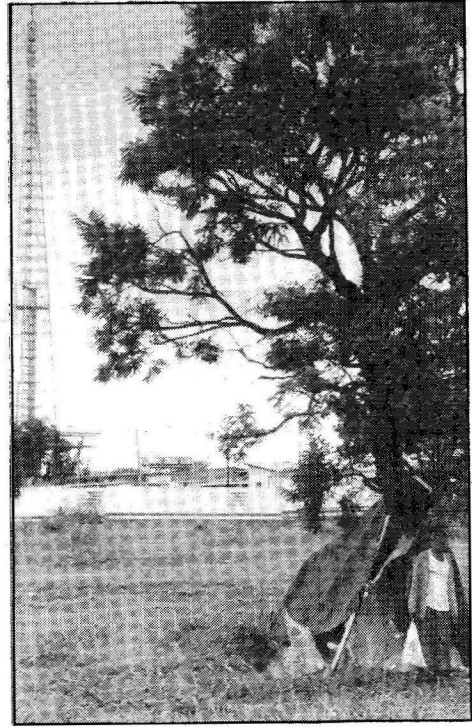
VANDERLEI POZZEMBOM



No Teatro Nacional também há invasão

Remuneração — O carioca Carlos Roberto Camilo, de 37 anos, casado, tem dois filhos e está há um ano em Brasília. Ele trabalhava no Rio de Janeiro como gráfico e achou que sua vida melhoraria em Brasília. Chegou com a família e acabou gostando daqui, onde consegue diariamente a remuneração de Cr\$ 5 mil. "Eu não quero mais trabalhar como gráfico, porque os salários são muito baixos. Eu fiz uma rápida pesquisa e cheguei a essa conclusão. Não quero mais voltar

VANDERLEI POZZEMBOM



Áreas perto da Torre são alvos fáceis

para o Rio de Janeiro", comentou.

Carlos Roberto também é artesão e sua especialidade é montar peças com a utilização de conchas do mar, mas nem isso ele quer voltar a fazer. "Está todo mundo sem dinheiro. Ninguém tem condições de comprar", disse. O carioca, como os demais colegas de acampamento, está de olho no programa da Fundação do Serviço Social de agrupar os migrantes no estádio Peleção para o devido acompanhamento.